

Consumos e sociabilidades na taberna

Estudo preliminar de um caso¹

Dulce Maria Magalhães^(*)

I. Introdução

No imaginário colectivo o vinho é o bem de consumo eleito por excelência na taberna. A taberna e a prática de beber, especificamente o vinho, associam-se assim simbolicamente. Tascas, adegas e tabernas vêem, desta forma, os seus espaços interiores *ornamentados* pelo já habitual balcão grande, pipas de vinho (apenas algumas), canecas e petiscos, não faltando, por vezes, no ar, mas começando a rarear, o característico e intenso cheiro a vinho. O típico odor *tabernal* constituía uma forte referência nestes meios uma vez que, não há muitos anos atrás, o chão da maioria das tabernas era habitualmente constituído por terra batida, motivo pelo qual os pingos de vinho que da pipa brotavam, após terem-se enchido os copos, eram absorvidos pela terra batida, impregnando, desse modo, o ar com um forte odor vínico. A tendência generalizada para o desaparecimento das antigas tabernas, é notada por quem se move com *grande conhecimento* nesses espaços: "acho que [esses tascozitos] estão a desaparecer. (...) já não se vê aquelas tascas que se viam antigamente, a gente entrava, [e havia] aqueles grandes balcões, aquelas grandes canecas, a gente a ouvir as pipas a chiar... (...) e havia lá um tascozito, onde havia lá aquelas canecas antigas, aqueles velhotes já meio ranhudos e tal e eu... sabia-me bem lá ir. (...) e de facto esses tascozitos

* Socióloga, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ O presente texto foi escrito para ser apresentado ao IV congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Contudo, a ocorrência de imprevistos inesperados, impediram a deslocação da autora ao Rio de Janeiro, local de ocorrência do congresso. Assim, e pelo facto de até à data se desconhecer qualquer publicação das actas das comunicações apresentadas, entendeu-se torná-lo público, por outra via, uma vez que o texto enforma de actualidade, perfeitamente integrada numa pesquisa para Doutoramento, mais vasta, mais complexa e ainda em curso.

estão a desaparecer." (cantoneiro de limpeza, 4ª classe, 45 anos). Vale a pena referir, no entanto, a heterogeneidade que caracteriza os *espaços tabernais*. Note-se que, dadas as exigências da vida moderna, vai-se tornando habitual assistir-se à re-estruturação de espaços na taberna, multiplicando-se as suas lógicas de vivência subjacentes, não raro, à concorrência comercial². Sem querermos envenenar por aí, fica no entanto patente alguma diferença, quer entre tipos de estabelecimentos que, tentando adequar-se às novas exigências de vida moderna, viram os seus espaços re-estruturados, ampliados e/ou reaproveitados e aos quais não era ou passou a não ser alheio o fornecimento de refeições - referimo-nos às casas de pasto com divisões espaciais interiores entre a sala de refeições e o balcão (espaço tabernal propriamente dito), - quer entre estabelecimentos com configuração unicamente tabernal - estão aqui em causa apenas as tabernas e tasquinhas, propriamente ditas; referimo-nos aos estabelecimentos que funcionam essencialmente com a lógica tabernal, isto é, com o balcão. São, portanto, tabernas que não servem as clássicas refeições económicas de almoço nem de jantar. Os petiscos, as sandes, as pataniscas e os *salgados* em geral são o seu *prato forte*³. Deste modo, convém não perder de vista a diferença *tipológica* entre espaços, advinda, logo à partida, do local de implantação ("taberna de produtor de vinho, tasca perto do local de produção, taberna de estação de transportes, tasca de bairro, baiúca de prostituição, etc."⁴) e para a qual contribuem, consequentemente, quotidianos diferenciados assentes em *habitus* de classe constituídos por sistemas de disposições e habituações reflectidas em regularidades, práticas e jogos simbólicos⁵, itinerários e trajectórias sociais, cuja conjugação resulta em "vários tipos de quotidiano tabernal"⁶.

Admitindo existir nas tabernas em geral uma "multiplicidade de agentes em circulação"⁷ durante o seu período de abertura ao público, interessa-nos perceber até que ponto os diferentes (?) perfis sociais que na taberna se cruzam, se diluem em torno de uma prática social comum - a prática de beber - ou, pelo contrário, arrastam consigo a diferença no desenrolar da própria prática, dando assim origem a dinamismos geradores não só de quotidianos tabernais diferenci-

² Para mais detalhes ver Dulce Magalhães, "A taberna: usos do espaço e do tempo", in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n.º 6, 1996.

³ "(...) nas adegas e tascas, depois das seis, o naco de presunto e queijo, a sardinha de cebolada ou o fígado acompanham o copo de tinto ou a cerveja (...)". Helder Pacheco, *Porto*, Lisboa, Presença, 1984, p. 205.

⁴ Pedro de Andrade, "A taberna mediática, local reticular de negociações sociais e sociológicas", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 33, 1991, p. 274.

⁵ Sobre sistemas de disposições, práticas, jogos e capitais simbólicos vd. Pierre Bourdieu, nomeadamente: *La Distinction - Critique Sociale du Jugement*, Paris, Éditions de Minuit, 1972 e *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.

⁶ Pedro de Andrade, cit, p. 281.

ados, como também de diferentes ritmos no próprio quotidiano tabernal.

Ir-nos-emos, no entanto, debruçar unicamente sobre um tipo de espaço tabernal - a taberna de bairro - tendo em linha de conta a inserção, futura e definitiva, deste espaço numa tipologia a testar.

Tendo presente que "o investigador de terreno é um pragmático metodológico(...) [que procura] obter respostas a certas perguntas acerca dos acontecimentos que lhe interessam"⁸, demos início, nesta fase, ao implemento de dois métodos de pesquisa: a observação directa no terreno e a entrevista a informantes privilegiados.

A observação incidiu em alguns estabelecimentos de cariz tabernal, considerados de bairro, existentes no Porto ou em Vila Nova de Gaia. Cada um dos dois entrevistados, cujos extractos de entrevista aqui se usam, é um forte conhecedor de um determinado espaço tabernal por nós visitado e observado directamente em termos sociológicos, sendo a observação complementada por registos sistemáticos numa grelha especificamente preparada para o efeito.

É precisamente através da observação, directa, participante ou não, mas sempre *in loco*, que é dada ao investigador social a possibilidade de recolher informação considerada pertinente e passível de posterior atribuição de significação contextualizada, com vista a avançar nos seus estudos. É por meio da sua presença repetida no espaço seleccionado que lhe será possível apreender vivências, lógicas comportamentais, interacções, enfim, quotidianos que pretende estudar e compreender, no nosso caso, em termos sociológicos.

Como refere Burgess, "... o mundo social não é objectivo e envolve significados subjectivos e experiências que são construídas pelos participantes nas situações sociais. Consequentemente, é tarefa dos cientistas em Ciências Sociais interpretar os significados e experiências dos actores sociais, uma tarefa que apenas pode ser levada a cabo através da participação dos indivíduos envolvidos."⁹

Assim, tendo sempre presente a importância da observação partimos para o terreno estando, muito embora, conscientes de alguns desafios, levantados logo à partida pela nossa condição feminina, factor de dificuldade imediata, mas ultrapassável, nestes meandros escolhidos para alvo de olhares com pendor mais sociológico.

A nossa abordagem insere-se, então, numa temporalidade específica, pre-

⁷ *Idem, ibidem*, p. 281.

⁸ L. Schatzman, A. L. Strauss, *Field Research: Strategies for a Natural Sociology*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1973, p. 7, citado por Burgess, R. G, *A Pesquisa de Terreno. Uma introdução*, Oeiras, Celta Editora, 1997, p.5.

⁹ Burgess, R. G, *A Pesquisa de Terreno. Uma introdução*, cit, p.85-86.

viamente delimitada, dada a existência de ritmos e usos diferenciados de vivência tabernal ao longo do dia, e para os quais contribuirá, em parte, a já referida "multiplicidade de agentes em circulação". A apresentação que aqui se faz incide, por conseguinte, na frequência da taberna entre aproximadamente as 18:00/19:00 horas (hora a que a afluência populacional, muda em ritmo e em estilo) e o seu fecho ao público.

Interessa-nos, assim, particularmente a vertente social do vinho. Nos dias de hoje, vai adquirindo alguma visibilidade a preferência (mais jovem) pela cerveja, não pondo, contudo, em causa o predomínio do vinho, nomeadamente em determinados *tempos* específicos, dado, por um lado, o perfil dos utentes desses *espaços*, e por outro a particularidade do próprio espaço em si.

Neste contexto, abordaremos os *consumos e sociabilidades* protagonizados na taberna, sendo os nossos objectivos direccionados para dois pontos específicos: as diversas apropriações e respectivas lógicas simbólico-comportamentais que ocorrem na taberna e as sociabilidades aí emergentes em tempos diferentes¹⁰.

II. O andamento da observação: *Gentes* e sociabilidades em acção

A taberna, é um espaço eleito por excelência por uma população masculina. Espaço fechado, restrito em tamanho e acesso, por ele passam vidas tradicionais, vidas ambíguas, vidas tristes; mas nele passam também vidas bizarras, vidas agressivas, enfim, vidas que se passeiam. Não é fácil penetrar-se em espaços destes, onde a diferença aglutina olhares, interrogações, estranheza - tudo isso agravado ainda pela diferença sexual que impede a *diluição* da investigadora nas gentes habituais.

Espaço masculino por tradição, nele se particularizam tipos de sociabilidades com características específicas. Note-se que impera aqui uma apropriação agressiva do espaço, brusca, voluntariosa - que vai da postura corporal à manipulação transgressora da linguagem expressa pelo (ab)uso do calão e do vernáculo mais duro. Os clientes conhecem-se uns aos outros, dado o ponto comum da sua rotina diária que culmina num *ponto de encontro* sem necessidade de marcação prévia. Entre o emprego e a residência, entre os *amigos(!)* e a família, interpõe-se (quase) como obrigação a *passagem* (permanência curta) ou *estacionamento* (permanência prolongada) neste tipo de espaços: "Alguns gostam mesmo de ir lá [às tabernas]; para não dizer que é o vício mas é quase como um

¹⁰ Sobre os mesmos objectivos pode ser encontrada uma outra explanação complementar a esta em Dulce Magalhães, cit, p. 215.

vício. Já não passam sem lá entrar." (agente da P.S.P., 4ª classe, 39 anos). Desta forma, estes espaços podem ser entendidos como *espaços mediadores*. Esboça-se, e com contornos cada vez mais nítidos, o desejo de ruptura radical entre os tempos de trabalho e os tempos de lazer¹¹. Catherine Paradeise adianta mesmo que "assim como a vida quotidiana no meio operário é feita de rupturas entre a vida laboriosa e a vida doméstica, também o universo das actividades domésticas e dos valores que os sustentam é feito da ruptura entre a residência [lar] e o mundo exterior, entre universos masculino e feminino, entre práticas e papéis nos diversos momentos do ciclo de vida".¹² Neste contexto, vale a pena realçar o facto de que uma boa parte dos clientes assíduos com tendência para a permanência prolongada caracterizam-se por trajectórias familiares tradicionalmente operárias, pertencendo, alguns deles, a "dinastias"¹³ de operários.

Constata-se, por conseguinte, que a taberna, para além da oferta da bebida com uma significativa contrapartida económica para o proprietário, oferece ainda o espaço ideal para "manifestações de sociabilidade de classe"¹⁴. Diríamos mesmo que constitui para os frequentadores assíduos e *cujá. passagem* se converte em *estacionamento*, o seu principal local de encontro e de interconhecimento. Pelo menos manifestamente, adquire prioridade a vertente convivial: "[As pessoas em geral frequentam as tabernas porque] existe já uma tradição assim. Portanto, eu acho que sabe melhor. Acho que há mais convívio, portanto não há as tais classes [sociais], não é? Há aquela classe média que já se julga que é grande e a grande não vai para esses tasquinhos, [vai] para uma confeitaria, café, bar." (cantoneiro de limpeza, 4ª classe, 45 anos). É em espaços deste tipo que usufruem do verdadeiro lazer, reforçando-se "identificações" e "quadros de pertença social". E neste contexto, diríamos com Machado Pais, parar na taberna "(...) não é uma actividade apenas associada ao *consumo*, é também uma actividade *de produção*: de produção de sociabilidades"¹⁵. É este o ponto fulcral da nossa pesquisa: tentar perceber que tipo de sociabilidade(s) se depara(m)/se produz(em) na taberna.

Não nos parece poder entender esta prática - frequência da taberna - apenas como um modo de estar periférico, em termos sociais; note-se que este tipo de

¹ Cfr. Catherine Paradeise, "Sociabilité et culture de classe", in *Revue Française de Sociologie*, vol. XXI, 1980, p. 581.

² *idem, ibidem*, p. 597.

³ Daniel Bertaux opera com este conceito ao estudar o efeito de transmissões patrimoniais na mobilidade social ao longo de várias gerações na mesma família. Cfr. Daniel Bertaux et I. Bertaux-Wiame, "Le patrimoine et sa lignée: transmissions et mobilité sociale sur cinq générations", in *Life Stories/Récits de Vie*, n° 4, 1988.

⁴ Catherine Paradeise, cit., p. 594.

⁵ J. Machado Pais, "Lazeres e sociabilidades juvenis - um ensaio de análise etnográfica", in *Análise Social*, n° 108-109, 1990, p. 607.

representação social, fortemente enraizada a nível macro, reduz a taberna a um local de transgressões - morais, físicas, linguísticas - e a um ponto de encontro de *bêbados e viciados*, dos *sem-famãia* ou dos que integram famílias conflituosas ou de risco. Muito mais do que isso, aqui se afirmam identidades (masculinas, viris), processam-se iniciações ("[os miúdos] (...) começavam, quase sempre, por comprar com os olhos: iam para as tabernas para ver os homens beber"¹⁶), cristalizam-se hábitos, comportamentos e regras. Neste sentido se encaminham, também, as observações de um informante privilegiado: "Nesses estabelecimentos [tabernas] já tenho visto [filhos e pais juntos]. Filhos menores até. A beberem não. Acompanham os pais. (...) e isso influencia mais tarde o gosto deles por frequentarem esses estabelecimentos", (agente da P.S.P., 4ª classe, 39 anos). Enfim, é aqui que se forjam sociabilidades enquanto "formas lúdicas de socialização"¹⁷ e enquanto modos de estar socialmente integradores; é este o terreno eleito para a manifestação simbólica do poder masculino, poder que a nível doméstico, por vezes, encontra entraves de ordem familiar. Note-se que, por oposição à taberna enquanto espaço (semi)público, apresenta-se a casa, enquanto espaço privado. Se no primeiro impera uma forma de ser e estar tipicamente masculina, não constrangida, no segundo, porque espaço doméstico, impera uma ordem feminina advinda duma apropriação (quase) de direito (exclusivo?) da mulher¹⁸. É assim que, não raro, família e *amigos* (*os amigalhaços*) não se misturam.

III. Adequação a lógicas próprias de *vida* - A taberna de bairro

Na taberna de bairro assiste-se à intensificação do movimento do início para o fim do dia prolongado para a noite. As *gentes* que chegam para ficar - que *estacionam* os corpos por períodos prolongados de tempo, vão afluindo com maior incidência na segunda metade do dia, concentrando-se na recta final da abertura do estabelecimento ao público. Por outro lado, é maior o pendor de certa forma semelhante, entre as *gentes* que neste período de tempo se encontram neste espaço; o tipo de procura, a forma de estar, o tipo de apropriação do espaço, as partilhas efectuadas acentuam a sua semelhança, reforçando a oposição verificada aos demais, aos (auto)excluídos desse espaço, nesse tempo. Provavelmente a temporalidade delimitada a isso (aparentemente) conduza. Em

¹⁶ J. Machado Pais, *idem, ibidem*, p. 614

¹⁷ Simmel, *Sociologie et Épistémologie*, Paris, PUF, 1981, p. 125, citado por J. Machado Pais, cit., p. 642.

¹⁸ Sobre sociabilidades masculina e feminina e suas fronteiras espaciais, nomeadamente no que refere ao "mundo operário" - tipo de trajectória que predomina nas tabernas - ver Catherine Paradeise, cit., pp. 571,574-576.

contrapartida, durante o dia vão transitando pela taberna gentes que se caracterizam por lógicas e estilos de vida dissemelhantes, e cujo tipo de apropriação do espaço se diferencia entre si, *inscrevendo* neste espaço um movimento que se vai intensificando com o passar das horas. É assim que a partir das 18:00/19:00 horas o movimento gerado vai tendendo ao *estacionamento* em detrimento da *passagem*.

Tentámos perceber porquê, problematizando a questão da seguinte forma: se, em geral, os clientes são habituais, haverá alguma diferença significativa entre os que *estacionam* (com permanência longa) e os que *passam* (permanência curta)? E tendo em conta a delimitação temporal aqui em causa, haverá alguma diferença entre os que *estacionam*!.

Algumas regularidades nos foram aparecendo. Assim, tendo em conta apenas a taberna de bairro, a única que neste momento nos interessa, percebemos que o adjectivo tipológico *de bairro*, estando presente ao longo do dia, acentua-se com o avanço para a noite. Apesar de uma boa parte das tabernas que denominámos como sendo *de bairro* estar situada nas proximidades de locais de trabalho, é à sua implantação geográfica na cidade - num bairro - que se fica a dever o adjectivo aqui referido. Consequentemente não será de estranhar a circulação de trabalhadores - residentes fora *do bairro* - ao longo do dia. É precisamente esta circulação de agentes exógenos ao bairro enquanto local de residência, que atenua a vertente tipológica *de bairro* ao longo do dia. Note-se, porém, que não a anula, dada a frequência de clientes com condições perante o trabalho exteriores às relações de produção - referimo-nos nomeadamente aos reformados, pensionistas e desempregados. A estes indivíduos, o *estacionamento* prolongado é devido, na maioria dos casos constatados, à proximidade da residência, situada no próprio bairro. Assim, não se perde a adjectivação tipológica que de outro modo poderia ficar comprometida no período de expediente produtivo, sendo mesmo acentuada com toda a nitidez com o avanço da noite. O que pretendemos realçar é que o adjectivo não fica comprometido pela abertura da taberna à circulação de agentes produtivos em locais de trabalho situados nas imediações, feitos clientes habituais, a maioria dos quais meros *passantes*.

A pertinência da temporalidade delimitada neste estudo justifica-se na medida em que admitimos a hipótese duma diminuição significativa de "multiplicidade de agentes em circulação" com o avanço do dia - referimo-nos particularmente à diminuição da amplitude do leque tipológico dos clientes (isolando por exemplo, sistemas de disposições e pertença de classe, reflectidos em estilos de vida que ultrapassam largamente a frequência da taberna); ainda a este propósito é de notar a substituição de registos funcionais e utilitários (subjacentes a uma prática alimentar) por registos sociais e lúdicos (subjacentes a uma prática

convivial) no que respeita ao uso da taberna. De facto, constatámos que durante o dia - temporalidade produtiva por excelência -, dada a sua inserção perto de locais de trabalho, servem-se lanches e petiscos, salientando-se uma apropriação funcional e utilitária do espaço - tipo de apropriação, que se nos afigura parcial, típica dos meros *passantes* que procuram, na sua essência, satisfazer fisiologicamente um hábito alimentar. Estamos perante gentes que se (des)ligam entre si por sociabilidades fluídas, transitórias, inconsistentes, pese embora a sua espontaneidade, a maioria das vezes passiva¹⁹. Coexistem assim, nesta temporalidade, *passantes* e algumas gentes que estacionam - os *estacionantes* -, a maioria das quais reformados, procurando, ao contrário dos primeiros, desenvolver sociabilidades com pendor mais activo.

Como já tivemos ocasião de observar, com o aproximar da noite os *passantes* vão cedendo lugar aos *estacionantes*, chegando a ser visíveis sociabilidades intensas, entretecidas num palco de interacções predominantemente procuradas e alimentadas. A isto não é alheia a própria figura do taberneiro, que, não raro, assume mesmo um *papel mediador*, não só entre os conflitos que por vezes se geram, como também entre cumplicidades e acordos tácitos, senão visíveis, pelo menos suspeitos, através de estratégias circunscritas na (p)arte (derivada) do beber. Veja-se o que nos confidencia um óptimo conhecedor destes espaços: «nós nunca somos chamados a intervir nas tabernas quando um cliente não quer pagar a despesa. Os acertos são feitos no dia seguinte quando o cliente está lúcido; na taberna, nunca ninguém é chamado a tribunal por não querer pagar o que bebeu; nos *pubs* e discotecas já é diferente; quando um não quer pagar, chamam-nos, e ele acaba por ter de responder em tribunal» (agente da P.S.R., 4ª classe, 39 anos). A esta situação não serão indiferentes quer "transacções comerciais" quer "transacções simbólicas" estabelecidas não só entre clientes mas também entre clientes e taberneiro, que, não raro, "exerce a *redistribuição* - prática mediatizante baseada na relação desigual de cedência de bens e serviços por parte de agentes com mais recursos àqueles mais desfavorecidos - sob a forma de *fiado* concedido aos clientes da taberna (...)"²⁰.

É também a partir das 18:00/19:00 horas, aproximadamente, que a tónica familiar se instala, talvez pela prevalência do *estar* relativamente *ao passar*. Vai-se estando - *estacionando* os corpos - e simultaneamente adiando o regresso a casa.

¹⁹. Sobre a dicotomia sociabilidades passivas e sociabilidades activas, vd. Georges Gurvitch, *A Vocação Actual da Sociologia*, vol. I, Lisboa, Edições Cosmos, 1979, nomeadamente as pp. 161-169; note-se, contudo, que todo o capítulo referente às "manifestações de sociabilidade" (pp. 145-284) constitui leitura de interesse nesta temática. ²⁰. Pedro de Andrade, cit. p. 272.

Neste sentido, a taberna de bairro apresenta-se para os *estacionantes* como uma espécie de prolongamento da própria casa, na medida em que ao apropriarem-se deste espaço imprimem no seu ambiente uma *atmosfera familiar* - a mesma que reúne as gentes habituais. É assim que a taberna e as suas gentes funcionam como uma "família alternativa"²¹: "É como parte duma família, normalmente são os mesmos que estão sempre lá [na taberna]. (...) eu acho que as pessoas gostam mais de lá ir... [à taberna, do que ficar em casa] por causa da convivência. [Com a família a convivência] é totalmente diferente, não é? O convívio com a família é uma coisa e o convívio com os colegas é... totalmente diferente. (...) muita brincadeira, não é? a gente está mais à vontade", (cantoneiro de limpeza, 4ª classe, 45 anos).

As sociabilidades são (familiarmente) espontâneas, podendo, no entanto, adquirir diferentes graus de intensidade nas relações com o outro²². No entanto parecem prevalecer as relações de aproximação, sem que, contudo, se encaminhem *per se* para um tipo de sociabilidade cuja profundidade permita falar na existência de «Nós» à boa moda gourvitchiana²³. Repare-se na seguinte afirmação: "Eles [os clientes] conseguem fazer amigos, mas depois o álcool é traiçoeiro, quer dizer, o álcool, depois, por vezes quando é em excesso (...) também vai-se um bocadinho da amizade", (taberneiro, 4ª classe). Ou ainda nesta: "São sempre as mesmas caras que lá vão. (...) Os clientes conhecem-se todos uns aos outros. A não ser um ou outro que entre lá e... mas acaba por ser amigo também (...). Eu acho que [na taberna] são mais os amigos de ocasião. [Amigo do peito] não existe; dessas coisas não existe. São só amigos se uma pessoa pagar um copo ou isso, mas é naquele momento", (agente da P.S.P.). Vemos assim prevalecer fusões parciais, pese embora a participação convivial que se faz sentir. "Escolhem mais esses meios, por vezes até para conviverem com amigos", acrescenta ainda o mesmo informante.

Considerando então o leque de agentes em circulação, fecharíamos este capítulo, afirmando com Gourvitch que "na realidade, em cada grupo combinam-se várias manifestações da sociabilidade cujas relações e as diferentes intensidades variam, não só em função (...) das estruturas globais ou parciais em presença, mas ainda segundo conjunturas concretas."²⁴

²¹. *Idem, ibidem*, p. 276.

²². Nas sociabilidades espontâneas quer a passividade quer a actividade (referimo-nos aos "graus de intensidade das «relações com o outro»: aproximação, afastamento, relações mistas") podem estar presentes na relação com o outro, predominando um dos casos, consoante as situações. Georges Gurvitch, cit. pp. 166-167; para um maior desenvolvimento da sua explanação teórica acerca do esquema geral de classificação pluralista dos tipos de sociabilidade, ver também pp. 158-246.

²³. *Idem, ibidem*, p. 160.

²⁴. *idem, ibidem*, p. 156.

IV. Breves considerações finais

Segundo Pedro de Andrade, "a taberna não se compreende sem se considerar a sua dimensão do dia-a-dia, que apresenta, simultaneamente, características de *no mans land* e de território social pleno entre as macro-estruturas e as micropráticas, de fronteira ou de espaço de dupla nacionalidade".²⁵ Parece-nos pertinente articular o "*no man's land*" enquanto característica tabernal a uma representação social fortemente marcada nos dias de hoje, já o referimos. Ocorre então uma espécie de extrapolação do "*no man's land*" para a disfunção social subjacente à taberna.

De facto, a desintegração social aparece em geral com pontuação elevada na representação social dos indivíduos (auto)excluídos²⁶ da frequência habitual da taberna, tendo particularmente em linha de conta a temporalidade aqui delimitada e os protagonistas de *estacionamentos* prolongados. Em contrapartida, essa mesma desintegração social (entendível a nível macro) não é incompatível nem obstrui a integração social dos clientes habituais (traduzida a nível micro) através de um conjunto característico de sociabilidades espontâneas activas, tipicamente masculinas, produzidas, afirmadas, desenvolvidas e alimentadas num espaço apropriado pelos *incluídos* (no acesso à taberna) e entendido quer por incluídos quer por excluídos como território de homens. A este nível a funcionalidade social da taberna é tanto mais patente quanto mais enraizado estiver o hábito de permanência prolongada.

Assim o que a nível macro representa socialmente uma função desintegradora - referimo-nos à taberna -, considerando os estilos de vida dos frequentadores habituais e particularmente os excessos no (ab)uso do vinho, assume a um nível mais micro²⁷ a função de integração social. O que manifestamente aparece como desintegrado - da sociedade (os excluídos?) e por vezes da família, é recuperado com uma nova "face" - a da integração social. Estamos, portanto, perante socia-

²⁵ Pedro de Andrade, cit, p. 268.

²⁶ Ao referirmos os excluídos, estamos a incluir não só os não frequentadores, mas também os elementos das próprias famílias (dos frequentadores) que não frequentam a taberna e particularmente as mulheres. Embora a entrada não lhes seja formalmente vedada - a possibilidade de presença feminina não está completamente excluída - é inegável a barreira simbólica que indistintamente se levanta, obstruindo assim a sua entrada, nomeadamente em tempo nocturno.

²⁷ Segundo J. Machado Pais, "uma das preocupações da sociologia do quotidiano deve ser a de procurar caminhos ("micro-macro", por exemplo) nos descontínuos que percorre (...)". J. Machado Pais, "Nas rotas do quotidiano", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 37, 1993, pp. 113-114. Foi assim que a tentativa de procurar caminhos por entre itinerários quotidianos descontínuos esteve (e continua a estar) sempre presente neste estudo. E aqui, tal como o autor o sugere, o micro e o macro não podem ser perdidos de vista estabelecendo as continuidades que o quotidiano (des)continua.

bilidades "simultaneamente de *integração* e de *tensão*"²⁸.

Na taberna coexistem, portanto, forças de desintegração e forças de integração social²⁹, tal como duas faces da mesma moeda. Note-se que por *integração*, entendemos, tal como Parsons a define, "um modo de relação das unidades de um sistema por virtude do qual, por um lado, elas actuam de forma a colectivamente evitar não só a ruptura do sistema como o tornar-lhe possível manter a estabilidade, e, por outro lado, «cooperam» em vista a promover o seu funcionamento como uma unidade".³⁰

São estas forças - integração/desintegração -, simultaneamente tão díspares e tão próximas uma da outra que nos permitem falar em inclusão social através da re-aquisição de valores afirmativos do agente social enquanto indivíduo e do indivíduo enquanto pessoa.

Para finalizar lembraríamos ser conveniente não perder de vista que este texto resulta duma observação inserida numa pesquisa teórico-empírica ainda em curso, e, portanto, sujeita a reformulações futuras. Do nosso ponto de vista, não diminui, no entanto, o interesse sociológico que desperta uma investigação em fase ainda inacabada.

²⁸ Adaptado de J. Machado Pais, "Lazeres e sociabilidades juvenis", cit. p. 611.

²⁹ São vários os trabalhos de Parsons onde o autor disserta sobre o processo social integrativo e sobre forças e modelos de integração social. Pareceu-nos pertinente importá-los para este contexto com o intuito de realçar perspectivas que se complementam perante unidades diferentes do mesmo sistema social e que não se anulam perante interações sociais múltiplas. Vd. por exemplo, Talcott Parsons, *The Social System*, Glencoe, The Free Press, 1951; (em col.), *Theories of Society*, New York, The Free Press, 1961.

³⁰ Talcott Parsons, *Essays in Sociological Theory*, Revised Edition, New York, The Free Press, 1954, p. 71, citado por Manuel Vaz Pato, "A estratificação social em Talcott Parsons", in *Economia e Sociologia*, n.º 28, 1980, p. 80.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Pedro de - "A taberna mediática, local reticular de negociações sociais e sociológicas", in *Revista Critica de Ciências Sociais*, n° 33,1991.
- BURGESS, Robert G. - *A Pesquisa de Terreno. Uma Introdução*, Oeiras, Celta Editora, 1997.
- BERTAUX, Daniel et ai - "Le patrimoine et sa lignée: transmissions et mobilité sociale sur cinq générations", in *Life Stories/Récits de Vie*, n° 4, 1988.
- BOURDIEU, Pierre, *La Distinction - Critique Sociale du Jugement*, Paris, Éditions de Minuit, 1972.
- BOURDIEU, Pierre - *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.
- FERNANDES, A. Teixeira - "A mudança cultural na sociedade moderna", in *Revista da Faculdade de Letras*, Série de Filosofia, n°s 5-6, 2ª série, Universidade do Porto, 1988-1989.
- FERNANDES, A. Teixeira, "Espaço social e suas representações", in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n° 2, 1992.
- FERNANDES, A. Teixeira, "Poder local e democracia", in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n° 2, 1992.
- GRIGNON, Claude et Christiane - "Styles d'alimentation et goûts populaires", in *Revue Française de Sociologie*, vol. XXI-4, Paris, 1980.
- GUERRA, Paula - "Tecido urbano actual: continuidade ou descontinuidade?", in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n° 2, 1992.
- GURVITCH, Georges - *A Vocaçã Actual da Sociologia*, Vol.I, Lisboa, Edições Cosmos, 1979.
- MAGALHÃES, Dulce - "A taberna: usos do espaço e do tempo", in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n° 6, 1996.
- MAGALHÃES, Dulce, *Classes Sociais e Trajectórias Intergeracionais*, Provas de Capacidade Científica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994, (policopiado).
- MAGALHÃES, Dulce - *Diferenciações Sociais entre Práticas Alimentares*, Provas de Aptidão Pedagógica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994, (policopiado).
- PACHECO, Helder - *Porto*, Lisboa, Editorial Presença, 1984.
- PAIS, J. Machado - "Lazeres e sociabilidades juvenis - um ensaio de análise etnográfica", in *Análise Social*, n° 108-109, 1990.

PAIS, J. Machado - "Nas rotas do quotidiano", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 37, 1993.

PARADEISE, Catherine, "Socibilité et culture de classe", in *Revue Française de Sociologie*, vol.XXI, Paris, 1980.

PARSONS, Talcott - *The Social System*, Glencoe, The Free Press, 1951.

PARSONS, Talcott (em col.) - *Theories of Society*, New York, The Free Press, 1961.

PATO, M. Vaz - "A estratificação social em Talcott Parsons", in *Economia e Sociologia*, n° 28, 1980.